



Sábado

05-09-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Diversos

Dimensão: 314

Imagem: S/Cor

Página (s): 73

## Opinião

PEDRO SANTOS GUERREIRO Director do *Jornal de Negócios*

## Mundos e fundos



## Rir da economia é que não dá

**Um dos diálogos mais magníficos no livro *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, é passado na biblioteca da abadia em torno de uma pergunta: Deus ri? A resposta ortodoxa é que não, que o riso é próprio dos macacos, que Jesus nunca ri, que o riso é sintoma de estupidez. A teoria é disputada por um monge franciscano (William de Baskerville, interpretado por Sean Connery no filme realizado a partir do livro) e, na verdade, o enredo persegue um livro proibido de Aristóteles, que afirmou que “o homem é o único animal que ri”.**

Na lista que a SÁBADO hoje publica dos 50 portugueses que ao longo da História mais nos fizeram rir, não há nenhum economista, político, estadista, empresário, advogado. Claro, essas são coisas maçadoríssimas. E, no entanto, do Onzeneiro de Gil Vicente ao Oliveira Casca de Herman José, as “profissões” e sumidades quotidianas são matéria de gozo assegurado. Porque pouca coisa haverá mais en-

graçada do que a realidade.

Não é muito fácil encontrar graça na actual desgraça portuguesa. Ainda assim, confesso que me diverte continuar a ver pessoas darem garantias sobre previsões e fazerem promessas e declarações graves sobre assuntos que, na verdade, ninguém domina nem é possível dominar. À maior parte das perguntas sobre o que se passa na política e na economia europeia não é possível dar resposta mais certa do que “não sei”. Não tem graça, é certo. Mas também não há petróleo no Beato e Raul Solnado pôs o País inteiro a rir dizendo que havia.

## Os sapatos da moda

**E, no entanto, eu tenho um primo que adivinha. Juro. Há dois anos, em Buenos Aires, apontou-me para uma montra e disse-me: “Compra daquilo, é barato, mas daqui a algum tempo vai ser uma loucura na Europa.” “Sim, sim”, respondi, e nunca mais pensei nisso. Nem me lembrei. Até hoje, quando li na SÁBADO que há lojas com listas de mais de mil pes-**

soas à espera de comprar as sapatas que estavam naquela montra argentina.

Os fenómenos de consumo de moda são muito curiosos e partem do princípio contrário ao da exclusividade, que supostamente (mas nem sempre realmente) existe nos segmentos de luxo. Nestes fenómenos de moda, a massificação resulta por uma espécie de efeito de perança. Toda a gente quer porque toda a gente quer. Quase sempre, a moda passa depressa, e os “atributos ímpares” dos produtos não sobrevivem à passagem do tempo. Enquanto dura, é um fartote. É uma fortuna para quem neles investiu.

## A austeridade sem modo

**Nota-se que estou a tentar não escrever sobre o Tribunal Constitucional e as medidas de austeridade para** o próximo Orçamento do Estado, não é? Ando a cirandar, passeio por temas acessórios, parece que quero mudar de assunto... Pois. Não gosto de escrever quando não vejo solução para os problemas. Para desgraça já basta a realidade que se vai construindo em cima da irreidade. Não é crítica ao Tribunal Constitucional, é só não conseguir perceber como é que o Estado vai equilibrar as contas do próximo ano. Nem perceber como é que, para muitos, a solução é não equilibrar. Como se “flexibilidade” não fosse continuar a pedir dinheiro emprestado a quem ainda não acredita que Portugal consiga pagar o que deve.

Raios partam a dívida pública! ●

## Telecomunicações

**As notícias** sobre o que se vai passando no estrangeiro mostram bem que a recessão é uma coisa cá nossa. Nas telecomunicações estão a ser feitas fusões e aquisições como não se via há 15 anos. Na altura, no entanto, era a loucura das *dotcom*, com aquisições milionárias de “novas” empresas por “velhas”. Agora são velhas a comprar velhas: consolidação. Assistir, por exemplo, ao definhamento da Nokia, outrora líder mundial de telemóveis, é impressionante.

## Autárquicas

**Teme-se** o pior. Falta pouco mais de um mês para as eleições autárquicas, pelo que pouco faltará para a ponta final dos grandes debates e das grandes promessas. Como sempre, é nestes anos que se vê mais obras concluídas. E, como sempre, é agora que se vai ver mais promessas impossíveis com dinheiros que não existem, confiando na dívida que já não pode haver. Recomendação: se uma promessa custar dinheiro, duvide de quem a faz. Mas duvide mesmo.

## Reforma do IRC

**A reforma** do IRC está em discussão pública. Embora ela seja vista pela medida mais emblemática, de redução da taxa, propõe muito mais do que isso, numa autêntica mudança do regime de tributação das empresas em Portugal. O grande debate será entre “descer impostos às empresas quando se aumentam aos trabalhadores” contra “atrair investimento para aumentar emprego”. Curiosamente, há uma entidade que ainda não disse nada. O PS.